



em branco





em branco





folha de rosto





ficha técnica





folha de rosto





em branco





Para Orsely

Para Heloisa





em branco



Memória da Guerra

Primeira parte: segunda edição do livro de 1991 ..	11
Arsenais, mostnuário	13
O estrangeiro	17
Guerreiros	18
Anotação anacrônica	19
No artefato	21
Caça	23
Missão 937	24
Bombardeios	25
Campo de batalha	26
Contingente	27
Testamento provisório	28
A hora	29
Episódio	30
O prisioneiro	32
Amazona	34
Máquina de guerra	35
Opinião pública	36
Do informe oficial	37
Press release	38
Entrevistas simultâneas	39
Marinha	43
Terceiras pessoas	44
Civis	45
Mulheres de luto	46

Os jogos	47
Os avisos	48
Reportagem	50
Fragmentos de um armistício	52
Iconografia	54
Escavações	58
Recrutas	60
Túmulos	61
As pompas e as circunstâncias	62
Segunda parte: novos poemas, 2001-2002	65
Terra de ninguém	67
Código de ética	68
No Tribunal de Haia	69
Terra Santa	70
Séculos depois	71
Outra ocorrência	72
Pedagogia do gueto	73
A igreja sitiada	75
Desconstrução	76
Maneiras de morrer	77
Estado de sítio	79
Cabul, 2001	80
As duas fotografias	81
Na cordilheira	82
Uma guerra sem nome	84

***E por aqui estão passando
as formas céleres da morte.***

Do poema *Terra Santa*,
página 70 deste livro.

***Onde nada faz sentido
para o pensamento neutro.***

Do poema *Sarajevo*,
livro *Entre os meus semelhantes*, 1994, pg. 77



em branco





Arsenais, Mostruário

1. fundamentos:

a pedra a erva
a fissura
na agulha da flecha

o ferro o gume
a fenda
na lâmina da espada

o chumbo a chispa
o furo
no estampido da bala

2. outros fundamentos:

a pólvora o estopim a mecha
no centro do canhão
a cápsula a espoleta a brecha
no ventre da explosão

3. exemplos:

a funda a catapulta o trabuco
a balestra a garrucha o arcabuz
o bacamarte a espingarda a bazuca

4. outros exemplos:

a clava o tacape a borduna o porrete
a faca a lança a baioneta no mosquete
a granada o morteiro o torpedo o foguete

5. usos:

o sabre o dardo a cimitarra
na carga da cavalaria
a bombarda a salva os petardos
na descarga da artilharia
o raio o mostarda o hovercraft
no estrago da tecnologia

6. defesas:

a couraça o guante a gálea o escudo
o blocausse a blindagem o bunker

7. outras defesas:

o fosso a estaca o farpado na pele
o ultra-som o infravermelho o satélite

8. veículos:

a nave	as frotas
a belonave	as flotilhas
a aeronave	as esquadras
a espaçonave	as esquadrilhas

9. unidades navais:

a nau a galera o galeão
a caravela a corveta a fragata
o destróier o cruzador o encouraçado
o submarino o porta-aviões

10. engenhos aéreos:

o zero	a V-1
o stuka	a V-2
o spitfire	o exocet
o mig	o scud
o mirage	o patriot
o F-15	o cruiser
o B-52	o tomahawk
o stealth	o python X

11. gradações:

as setas as brasas os pelouros as bombas
lacrimogêneas desfolhantes asfixiantes

12. outras gradações:

a peçonha o azeite o ácido
a bactéria o vírus o átomo

13. balística:

o tiro: o rifle o projétil o fúsil
o símil: o sílo o míssil o físsil

14. os danos:

o tranco o tombo o lanho o corte
o banho de sangue o rombo a morte

15. escalada:

a hostilidade a escaramuça o combate
o massacre a hecatombe a catástrofe.



O Estrangeiro

não sei onde estamos
receio o que estranho

quando escurece
eu me escondo

ao me esconder
eu escuto

enquanto espero
eu espreito

não sei se me exponho
não sei o que expio





Guerreiros

não vês as mesmas coisas
como eu as vejo
não tens as mesmas crenças
as mesmas lendas
as mesmas leis
não és o mesmo que eu

é outra a roupa que me veste
é outra a cor de minha pele

eu falo eu canto eu rezo
em outra língua

em outra língua
eu amo e choro e calo

a outro deus
eu devo a minha vida

por esse deus
te levo a morte

Anotação Anacrônica

Caros telespectadores,
a guerra vai começar.
Mostrada diretamente,
a guerra já está no ar.
Mas não como antigamente,
o locutor a falar.
Esta vai ser diferente.
Olho no olho vai dar
ao vivo, dente por dente,
a morte espetacular.

Os mortos de antigamente
morriam preto no branco,
surdos, mudos, devagar.
Os de agora em treinamento,
no colorido exemplar.
Morrem de bruços, de flanco,
de morte espetacular.

Os mortos de antigamente
morriam longe, notícia
com tiragem regular.
Hoje caem de repente,
como em filme de polícia.
Morrem de sangue corrente
na morte espetacular.



Os mortos de antigamente
morriam pontuais e elegantes
entre as pompas militares.
Os de agora morrem antes,
sem horário nem lugar.
Indistintamente morrem,
e a morte é espetacular.

Em quantidades tão grandes
que confundem no tamanho
nossa morte singular.





No Artefato

aperte o cinto:
venha comigo
sobrevoar
e destroçar
nosso inimigo

preste atenção
neste pedaço
de puro aço
e raio leiser
em nossa mão

veja na tela
como o radar
enxerga o alvo
escolhe o andar
e uma janela

repare agora
que está na hora
de incandescer
as águas-vivas
de nossa ogiva





respire fundo
olhe na mira
como se atira
e se arrebenta
com todo o mundo

que sensação!
parece um jogo,
não fosse o fogo
que deixa atrás
e explode o gás.





Caça

o teleolho
vigia
meus gestos
segue
meus passos
no blecaute

o microfone
minúsculo
o sonar
a antena
sondam
meus batimentos

aqueço o ar
com meu alento
esfrio a terra
quando tremo
termômetros
me localizam

meu tato
e minha sede
monitorados
me imobilizo

sensores
me identificam
censores
me silenciam

Missão 937

Vem do princípio do mundo o
ronco fundo flamejando.
Vem das trevas de outro tempo.
Estrela cadente o míssil
Atravessa o município.

Nos olhos desencovados
e nas sôfregas narinas
cavalos relinham, trôpegos
touro desabam, carcaças
ruindo no chão difícil.

Toda cidade é aberta
Guernica, Nova Hiroshima
reacendendo deserta
o incêndio que vem de cima.



Bombardeios

Varavam pela noite amanhecida
sob as constelações
de sóis fugazes.

Varavam pela noite incendiada
ouvindo os animais
em suas jaulas transtornados.

Varavam pela noite ensolarada
galos enlouquecidos pela insônia,
morcegos desvairados por relâmpagos.

Varavam pela noite conflagrada
meteoros desorbitados,
sobre as crateras.

Varavam pela noite calcinada
sob um milhão de sóis sonâmbulos,
ultrapassando as lindes longínquas do pânico.





Campo de Batalha

onde a trilha da patrulha
onde ela pára

onde a fagulha na palha
onde ela estala

onde rilha a matilha da metralha
onde a ira de abelha da metralha
onde ela atira

onde brilha a centelha da fomalha
onde a pira vermelha da fomalha
onde ela fira

onde há limalha
onde se engalha

onde se empilha
o restolho
o entulho





Contingente

Celestes e marinhos índigos,
tantos rostos moços sorrindo
nas arquibancadas repletas,
as flâmulas no ar e os claros cânticos,
quantos eram?

Desfilando em coro as bravuras
dos versos arcaicos – avante
camaradas, nos céus da pátria
luzem alto os pavilhões – galhardias,
quantos eram?

Sob as arcadas, junto aos trilhos,
nas estações rodoviárias
e nos tombadilhos, de cáqui,
os brados e as bandeiras drapejando,
quantos eram?

No silêncio geral da noite,
murcho no mastro o estandarte,
de luvas, de botas, de máscaras
na terra de ninguém, sozinhos, quantos,
quantos eram?



Testamento Provisório

caso eu não volte
se eu não puder voltar
eu deixo para você

as fotos os vídeos as fitas
as cartas os discos
e as pétalas dentro dos livros

os selos os títulos
os cartões magnéticos
e os cartões postais destes lugares exóticos

deixo vinte anos incompletos
de lembranças
deixo
esses vinte anos
a pensão vitalícia
a paixão que trazia

e nenhum vaticínio
ao dispor datar e assinar
em pleno juízo e raciocínio



A Hora

Aqui ninguém escolhe sua morte
como cena estocada num depósito,
mercadoria ao alcance da mão
- bala, baioneta calada -
para o primeiro plano do pintor.

Ninguém escolhe a forma
luminosa ou escura da explosão
- bomba, mina, granada -
casual estilhaço perfurando
a minúcia do espaço.

Aqui ninguém escolhe
o ângulo do corte,
o ar que falta, o vão
por onde as águas saltam
no oceano do acaso.

Pode-se apenas apressar a hora.



Episódio

Ouviria arvoredos,
a folhagem arfando.
Talvez a maré, vagas
na orla imaginária,
o trânsito rolando
ao longe na cidade.

Alguém sobre o tablado
estremece a madeira,
pulam, parelhas bailam.
Pode-se ver o som
que chega iluminando
espelhos que trepidam.

Ouviria assovios
diminutos, cigarras
céleres, vespas, vidros
partindo-se, metais
ininterruptos, trens
num túnel sem saída.





O estrondo que detona
os fogos de artifício
ensurdece a sirene,
o terremoto, o escândalo
de um sacrifício mínimo
que ninguém ouviria.

Acontece à distância
e sem altar, debaixo
de um escombros qualquer.
Caixa que se esvazia,
de dentro para fora.
É quando cessa o som.





O Prisioneiro

A Convenção de Genebra
me protege se não morro,
se não corro, se eu me entrego.

A Convenção de Genebra
me defende do perigo
no que digo e silencio.
A Convenção dita as regras.

A Convenção de Genebra
alivia minha fome
se falo claro meu nome,
declaro número, posto
e data de nascimento
que confira com meu rosto.
À Convenção nada nego.





A Convenção de Genebra
me garante se eu não fujo
durante esse jogo sujo.
A Convenção me dá trégua

Mas se outra força me obriga
à sujeição inimiga,
mas se a impostura me abala
e falseia minha fala,
mas se outra dor me devora,
quem me chora?
Que tratado se celebra?
Que lei de paz ou de guerra,
que estatuto sobre a Terra,
se essa Convenção se quebra?





Amazona

Pelo barrete frígio,
na estátua da vitória,
esvoaçavam soltos.
Preciso corta-los ou prende-los
sob o elmo, sob o capacete,
meus cabelos.

Mudado o arco,
mantenho o coração
num lado e o seio noutro,
na malha que me iguala.

Sem sangrar, sem contato
aguço a pontaria
com meus olhos noturnos.

Montaria blindada
o helicóptero salta
comigo a barricada.
Lanço chamas, medusas
de língua sagitária
ceifando as várzeas secas.
Eu estanco, eu disparo,
e é como se abortasse.

Máquina de Guerra

Na versão mais recente
o peso bruto médio
chega a cento e catorze
quilos, com vinte e cinco
de instrumentos diversos
para a sobrevivência
em âmbito adverso
e doze de armamentos,
especificamente,
conforme o diagrama
na figura do anexo.
Tem noventa e seis horas
de autonomia líquida
sob extrema pressão
e uso pleno de tiro.
Oitenta e dois por cento
são reutilizáveis
numa contra-ofensiva
ou noutra desembarque.
Sendo à prova de choque,
em condições normais
de bom funcionamento,
pode alcançar os cem
anos, ambos os sexos.
E é biodegradável.

Opinião Pública

25 % querem
25 % não querem
25 % não sabem
25 % não querem saber

33,33 % têm medo
33,33 % não têm medo
33,33 % emudeceram

36,4 % acreditam em parte
33,7 % não acreditam em nada
29,4 % querem acreditar em algo
23,2 % são absolutamente céticos
28,6 % são absolutamente crédulos
39,5 % dão respostas múltiplas desesperadas

38 % já foram antes
32 % nunca foram
19 % não se lembram como era
24 % ainda não se esqueceram
47 % não faziam a menor idéia
76 % ficaram perplexos

X % estão certos
Y % estão fartos
N % estão mortos



Do Informe Oficial

isso
o inimigo não deve descobrir
o aliado não pode perceber
alguém de fora supor
e a família sequer imaginar

isso
que teria havido
quando ele estava exatamente lá
ou porque foi
como disseram

se aconteceu

isto
que tememos

ou aquilo
que omitiram

isso
que todos nós
um dia saberemos

Press Release

Códigos dígitos alfanuméricos XP43TAZ92 divulgue-se: O Ministério da Defesa diz (1) que as baixas foram ínfimas – 0,853 % abaixo do cálculo prévio aos treinos táticos. (2) Graças à precisão cirúrgica das barragens houve aproveitamento ótimo, destruindo-se 473892456 alvos adversários com 37458694352 obuses convencionais e 6758329 teleguiados multimeios. (3) A nota da cúpula prevê índices mínimos de óbitos na península, per cápita de \$ 8,796 mil no rateio logístico das perdas nas forças aéreas, náuticas, terrestres e anfíbias; (4) Outro tópico, *ipsis literis*: vítimas civis contrárias envolvem questões filosóficas polêmicas, de efeito psicológico sobre o público, não cabendo réplica ao noticiário eletrônico por motivos políticos. (5) É remota a hipótese crítica do uso de armas químicas, atômicas e biológicas, que agravariam os proféticos cenários apocalípticos todavia fictícios. Prática aconselha limitemo-nos a parâmetros realísticos. (6) Últimos números: 7365942 toneladas métricas de incendiárias, 986573 pés cúbicos de líquidos sulfúricos, 458732 deserções inimigas voluntárias, 4657829 consultas médicas. (7) Déficit orçamentário, \$ 94,8 bilhões, pagáveis com subsídios dos beneficiários. Finis. Facsímiles. Arquive-se.

Entrevistas Simultâneas

1. O general:

Muito simples.
Vou atacá-los
cercá-los
arrasá-los
tirá-los
fora do páreo
(out of business).
Assim de simples.

2. Ainda o general:

Pelo alto e
de lado, sim.
Mas também
por cima
por baixo
de frente
por dentro
e através,
como você quiser.
Próxima pergunta?

3. O inimigo do general:

Cortaremos suas cabeças
e as mandaremos de volta,
para que não se esqueçam.
A areia cobrirá seus ossos
e apagará os rastros de seus corpos.
O sangue deles tingirá o crepúsculo.
Incendiaremos os mares e os poços.
Extinguiremos as luzes dos astros.

4. De uma pesquisa:

Oitenta por cento redondos aprovam
e treze vírgula sete desaprovam.
Seis vírgula três ainda não provaram.

5. O diplomata:

A guerra tem uma lógica própria,
alheia às nossas normas de pensar,
à nossa idéia do que seja a própria
lógica.

6. Uma refugiada:

Não somos índios, sabe?
nem isso é o faroeste.
Vamos sobreviver
e mostrar a vocês,
antes que o mundo acabe.
vai ser pior que a peste.

7. Soldado de infantaria:

Eu me alistei,
é o meu trabalho.
Vou lá e faço
o que vim fazer.

8. Um repórter:

São cenas que jamais
poderão ser mostradas,
tamanho a violência,
tais as crueldades
perpetradas à-toa,
indiscriminadamente.

9. A enfermeira não identificada:

Aqui mesmo no hospital,
antes da inspeção dos médicos,
eu injetava o veneno.
Em qualquer parte do corpo
deles, onde quer que desse.
Quando fugiam feridos
e corriam para cá.
Matei uns 18 ou 20.

10. O comentarista especializado:

Estrategistas militares
já se debruçam sobre ela,
a mais fantástica das guerras
dos tempos modernos, que altera
definitivamente a arte bélica.
Os conflitos futuros serão breves
e fulminantes; nenhum desperdício
de efetivos ou munição. Feéricos,
farão das blitzkriegs meros exercícios.
Não tenham dúvida. Estamos assistindo
a uma verdadeira aula. Um clássico.
À altura das epopéias homéricas.



Marinha

O olho de vidro do pássaro
O olho atônito do pássaro
(Quem me caça?)

A guelra negra do peixe
A treva espessa do peixe
(Quem me pega?)

A crista grossa da onda
A espuma espúria da onda
A goma torpe da onda

Sobre afogadas florestas
que apodrecem
Sobre afogados pomares

Entre essas duras areias
que anoitecem
Entre essas cruas arenas



Terceiras Pessoas

Em meio aos destroços do abrigo
não havia sinais de luta
e ninguém vestia uniforme
– fardas, camuflagens, emblemas.
Não eram presos nem reféns.
Sem vestígio algum de armamento
caseiro, rebelde, restrito
às forças regulares, nada
indicava beligerância.
Ou pacifistas, partisanos.
Não era base militar.
Foram, todas, balas perdidas.



Civis

Certa vez pelo mar,
enquanto ardiam montanhas.

Uma vez sob a chuva
geral que há nos pântanos.

Alguma vez contra as farpas
de arames sobre escarpas urbanas.

Talvez, como antes,
da matança na busca
entre os panos de um parto.

E através de lavouras e pastos,
por estradas, por escadarias,
subterrâneos, canais.
No convés em cardume.
Comboios. Caravanas.

Outra vez a céu aberto
a fuga para fora.
Outra vez forasteiros,
refugos no deserto,
enquanto ardem as dunas.



Mulheres de Luto

Ainda não nos esquecemos
de seus gestos estatuados,
as mãos espalmadas, os dedos
crescendo para o espaço aberto.

De seus gemidos, gritos, uivos,
riscos de unhas pelas lousas,
cordas puxadas pelos nervos
aos precipícios dos ouvidos.

Olham para nós através
de nós com seus enormes olhos,
os véus de um preto inconsolável,
faróis queimando o breu dos poços.

Às vezes vergam sob o peso,
os ombros carregando sombras
do que não vemos, embalando
seus despojos sobre os joelhos.



Os Jogos

Eram de chumbo, coloridas
miniaturas de coleção.
E foram de folha-de-flandres,
balsa, pinho pintado, plásticos
de ilimitada fantasia.
Fizeram ruídos, piscaram
luzes de bateria, jorros
nos labirintos de silício.
Só não mostravam direito
a cor e o cheiro de um ferido.
Não imitavam direito
o medo aceso pelo corpo,
o fim do jogo, quebrada
a mola, a corda que havia.



Os Avisos

os oráculos, as sibilas
astrólogos, videntes, médiuns
adivinhos, ciganos, bruxos

o relato, a lembrança, o pesadelo
o manuscrito, a cópia, o palimpsesto

e tantos olhos terão sido poucos

as cartas, os búzios, os números
os dados, os cristais, cometas
cruzando o espaço da galáxia

os cálculos, os neutros simulacros
os lúdicos cenários, as manobras

e era preciso ver

o nexu o logro o descalabro
o repto o fragor o escarcéu

era preciso olhar
espiar

foi preciso observar
contemplar

a retirada a sucata a fumaça
o crepúsculo da raça a debacle

foi preciso fixar
gravar

o êxodo o exílio o expurgo
as grandes massas ambulantes

será preciso ver

um a um
o corpo
uma a uma
a cara a boca
uma a uma
a lágrima a víscera
multiplicada e só
uma a uma
a vista
um por um
o olho que vê

a encenação
do caos
as estufas do inverno
a terra devastada
os círculos do inferno
a danação.



Reportagem

Ponho as mãos na cabeça
Ponho a boca no mundo
mas não basta

Cubro o rosto com meu lenço
e não passa
Cubro a cara, tenho máscara
e não passa

Debaixo da carapaça
cresce a casca
Debaixo da carapuça
do capuz, do filtro
cresce o medo do que penso
cresce o medo que esmiuça
minhas crenças





De pé nesta fronteira do universo
eu testemunho
De pé nesta fronteira eu observo
o que se passa
Nesta trincheira eu sobrevivo
mas não basta
Cravo na terra minhas unhas
nessa terra que pode ser a minha
que pode ser a última
e não morro

Ponho a voz num telefone
Ponho o olho numa câmera
e grito esse pedido de socorro
que não ouço



Fragmentos de um Armistício

(1) Mesmo sabendo
que ninguém nem
tratado algum
abolirá esse passado

que texto algum
em qualquer língua

nenhuma Bíblia
Tora nenhuma
ou Alcorão
consolará essa memória,

(2) embora sangue e chore
o coração de Jerusalém

- envolto em lenços, mantos
verônicas, mortalhas -

embora não haja
em toda Jerusalém

- muros, templos, muralhas
de peregrinação -

onde esconder
tão longa lamentação,



(3) antes que nada
 reste a queimar -
 nenhuma história
 nenhuma pólvora
 nenhum petróleo

 antes que tudo
 volte a secar -
 todas as lágrimas
 todos os frutos
 do paraíso,

(4) desça o silêncio
 em cada boca:
 sobre o barulho
 da multidão,
 sobre o clamor
 das profecias,
 sobre o murmúrio
 das orações;
 sobre esses ecos
 em cada ouvido.



Iconografia

1

Ainda não sabíamos. Você
soube aos poucos e soube de repente.
Vespertinos, semanários, cinema.
As fotografias inesquecíveis,
os filmes que não se apagam. Você
viu, você volta a ver,
na mídia, na memória,

as mutantes maneiras de morrer
e de matar
que nos ensinam incessantemente
a vida inteira

o obsessivo fascínio da morte
o assassínio obscuro
o genocídio obscuro
o homicídio
a execução
o extermínio.

2

Mil novecentos e quarenta e cinco:
cadáveres despídos e empilhados
aparecem no coração da Europa
– ossadas, cabeleiras, dentaduras.
O judeuzinho de boné, a estrela
de David no paletó, mãos ao alto,
nos contempla debaixo do fuzil.
Filas de mulheres magras e nuas,
branquíssimas, sobre a neve alemã.
A menina queimada e sem vestido
gritando pela estrada de napalm.
No beco de Shatila as brancas éguas
palestinas, as patas paralelas
rijas, desmontadas, amontoadas.
E na planície italiana os corpos
do casal, pendurados pelos pés.
Nos vilarejos curdos as famílias
se abraçam sufocadas pelo gás,
outras sucumbem nos confins do frio.
Há tanques nos bulevares de Praga,
na Pequim das bicicletas caídas,
lagartas avançando em Budapeste.

Quase imóvel no ar fotografado
o espanhol vai tombar, já trespassado.
E os desaparecidos argentinos,
seus pequenos retratos ampliados
pela Plaza de Mayo, dando voltas.
Aqui, na força falsa do suicídio,
ajoelhado, Vladimir Herzog.
Da pistola apontada a bala chega e
derruba o cinegrafista no Chile.
Numa rua do centro de Saigon
o revólver do chefe de polícia,
o cano curto no ouvido do preso.
Rendido ali no chão do Salvador
o jovem jornalista americano
recebe o tiro sem misericórdia.
E os olhos lancinantes de Lumumba
entre os punhos anônimos do Congo.
E os olhos pedras claras de Guevara.



3

Voltaremos a ver, a ter notícia.

Acontece outra vez
nas avenidas arborizadas
do Oriente, ao ar livre.
Nas altas cordilheiras do continente,
onde deuses menores
colapsam, à luz do dia.
Nos subúrbios insubmissos do império,
agora,
mil novecentos e noventa e um.

Já aconteceu, e ainda não sabemos.



Escavações

Um vento em câmera lenta levanta
materiais que rodopiam, planam,
desmoronam – animais abatidos
sobre um chão de lodo seco, moroso.
Detidamente chamas carbonizam
paredes demolidas, fumos crescem
amorfos pelos ares encardidos.

Chuvas alagarão estas ruínas.
Outros ventos virão em sucessão
sobre estes vidros, alumínio, aços
polidos, fibras plásticas, películas
policromadas. Sobre os utensílios
de argila, estanho, prata, porcelana.
Os pós de mármores, cobaltos, ouros.

De camadas, andares, mãos de tinta,
surgirão entre as muralhas e o musgo
cerâmicas, relevos, torsos, bustos,
uns sobre os outros, de costas, de borco.

Pelas cavernas, catacumbas, casamatas
aparecerão, nas
mesquitas, sinagogas, catedrais,
pirâmides. Papiros, pergaminhos,
alfabetos, iluminuras, fórmulas.
Flautas-doces, guitarras, elepês
trincados.

Enquanto o vento amaina devagar,
no retrocesso, em foco, panorâmicas.
ressurgirão

Bagdá Cartago Stalingrado
Berlim Beirute Babilônia
Manágua México Madri
Alexandria Londres Roma
Hanói Varsóvia Tóquio Tróia

por estas galerias de vitrinas,
estas sequências mudas de museus
acumulando-se baldios.



Recrutat

Dizem quase nada
os nomes e as datas
nesses granitos.

Diriam menos
os poemas
dos grafitos.

Não entendíamos
seus mitos.

Nunca ouviríamos.
Nem mesmo os gritos.





Túmulos

Sozinho, em massa,
corpo a corpo
inumerável,
cara a cara
emudecida,
todo soldado
é sempre um
desconhecido
no arco inútil
do triunfo.



As Pompas e as Circunstâncias

onde estão
os tambores cavando?
o infinito clarim,
onde grita?
onde os comandos, onde
as salvas de festim?
esses sons consolando,
esses sons onde estão?

onde
os que há pouco passavam
sob o sol marcial?

- a marcha densa, a guarda
luzindo em alamares,
talabartes, medalhas
na flanela de gala
(nas cabeças de estátua
a pala cobre os olhos
mas revela os olhares
meditando encobertos) -

- os cavalos, seus pêlos
penteados, os castos
arreios como elásticos
mantendo sem surpresa
as medidas precisas
do passo, pata em parte
no ar, parte no piso,
leve o tinir dos cascos -

— | | | | —

— celebrantes silentes,
espadas e fuzis
das batalhas antigas
paralisando a tarde
nas bandeiras batendo
em lentição solene,
a surdina encantada
de umas pedras, das árvores —

onde
os que há pouco passavam
sob o sol marcial?

o féretro, o esquife,
os negros ataúdes,
as funerárias urnas,
os múltiplos caixões,
em que tumbas e túmulos,
sepulcros, sepulturas,
sozinhos se despedem,
ausentes se acumulam?

que silêncio os esconde?
que antecipada treva?
que verdade se nega,
que memória se ensombra?

secretos, pessoais,
onde passam agora
os que há pouco passavam
sob o sol mundial?



em branco



||

Voltaremos a ver, a ter notícia.

Do poema *Iconografia*,
página 57 deste livro.

***Sem declaração de guerra
um atentado me espreita
anonimamente nu.***

Da série *Hora Americana*,
livro *Os fatos fictícios*, 1980, página 126.



em branco





Terra de Ninguém

Entre uma fronteira e outra,
uma trincheira e outra,
a terra que sobra.

Entre duas muralhas,
duas batalhas,
uma terra doente.

A que resta após o incêndio,
no silêncio ainda quente
das cinzas.

Após todo o desperdício,
de volta à pedra imperfeita,
de volta ao fogo do início.

Onde deixamos os mortos,
onde se esconde
a obra desfeita.

Desmilitarizada.
Desabitada.
De ninguém.





Código de Ética

Eram todos imigrantes
transgressores sem destino

Eram todos habitantes de outras cores
clandestinos

Eram todos estrangeiros mestiçados
ou ciganos

Nenhum deles prisioneiro encarcerado
por engano

Nenhum deles condenado ou torturado
sem motivo

Com certeza muita gente se inocente
saiu viva

Com certeza necessária essa limpeza
nossa pureza étnica

No Tribunal de Haia

Estava acontecendo
e ainda não sabíamos:

às portas da Europa nova,
a da bandeira estrelada,
as velhas trevas,
as velhíssimas tribos
na expedição de caça
à outra raça,
à outra fé.

De novo os homens quase nus
e desnutridos, mãos nas cercas
dos campos de concentração,
olhos na câmara, assombrados.
E o estupro, a execução em massa,
a longa sepultura oculta.
E a fuga, a expulsão
da casa, da terra, da vista.

Para não esquecer:
Sarajevo, Bósnia-Hezergóvina.
E Srebrenika, Kosovo.

Para não esquecer:
Karadzic, Milosevic.



Terra Santa

A terra é grande, o tempo é longo.
E por aqui passaram raças,
passaram exércitos, reis.

A terra é funda, o tempo extenso.
E por aqui passaram templos,
passaram profetas, palavras.

A terra esconde, o tempo rói
os corpos, utensílios, nomes
que por aqui passaram ontem.

A terra é sacra, o tempo muda
a lei, a lenda, a eternidade
aqui sonhada e prometida.

A terra é uma, o tempo é duplo.
E por aqui estão passando
as formas díspares de tudo.

A terra é pouca, o tempo é neutro.
E por aqui estão passando
as formas céleres da morte.





Séculos Depois

À luz de um dia qualquer,
entre as pedras palestinas
e os petardos de Israel,
um homem e seu menino
se protegem, protegiam.
Nada podemos fazer
senão olhar a sua morte.

Nada podemos fazer
nessa terra outrora santa
onde há meninos morrendo
outra vez. Onde meninos
de outro lado, de outro deus,
miram, apontam, atiram,
nessa terra outrora santa.





Outra Ocorrência

Era uma tarde habitual
e quase inteiramente azul.
Uma terça-feira comum,
sem provisão para notícias.
Quando a explosão estilhaçou
vitrinas, copo, corpos, óculos,
pela avenida se espalharam
objetos pessoais banais
- mochilas, cadernos, calçados.
Nada de novo ou desusado
na velha frente oriental.
Na quarta-feira ocorreria
a represália e novamente
a tarde azul e uma explosão.
Na semana seguinte ou noutra.



Pedagogia do Gueto

Desenrole o arame farpado
ao longo de todo o perímetro.
Coloque vigias armados
a cada meio quilômetro.

Catalogue os habitantes
pela roupa e pela língua,
por todo traço marcante,
qualquer coisa que os distinga.

Se levam no peito uma estrela
de seis pontas, melhor ainda.

E cuidado com as bombas.
Sabem no corpo escondê-las.
É seu costume explodi-las
onde são menos bem-vindas
- nossos mercados e filas,
onde conosco eles tombam.

Melhor mantê-los distantes
com seus cheiros e manias,
seus esquisitos turbantes,
suas barbas, suas heresias.



Melhor fechamos fronteiras
- túneis, rios, ruas, muros -
por onde à noite se esgueiram
e nos deixam inseguros.

Protejamos nossa esquina.
Que nenhum estranho volte.
Acendamos holofotes,
espalhemoss nossas minas.





A Igreja Sitiada

(Belém, Palestina, 2002)

As igrejas foram feitas
para o silêncio da fé,
para a palavra da seita.
Seja qual for o seu nome,
é onde a fome de um deus
busca alimento. Basílica
ou mesquita ou sinagoga,
todo templo é um abrigo.

Esse que vemos cercado
pelas armas de outras crenças,
nele é que terá nascido
o filho de seu deus, morto
que renasce entre os fiéis.

Toda igreja é comunhão.
Mas essa, desamparada,
essa igreja é solidão.



Desconstrução

Não foi como sabíamos.

Não como a flor se abre
e lentamente arde
em seu aroma e forma.

Ou como um filho cresce
e velozmente sobe
as escadas das horas,
as que nos envelhecem.

Não foi como sabíamos,
segundo as velhas normas,
isso que todos vimos:

a dupla flor despetalar-se solta
em vendaval de estrondos, negra estrela
que dismantela a duração e cai
sobre o seu centro, avessa cratera
a dupla flor que se desmancha e tomba
desde os altos espaços que se fecham;

o assombro, o escombro, as sombras
sem paradeiro ou tumba.

Não, não como sabíamos,
isso que agora ronda
a nossa morte anônima e comum.



Maneiras de Morrer

Há o morrer que chamamos natural,
de desgaste ou doença,
ao fim do caminho.
Um morrer de dentro, sozinho.

Há o morrer que vem de fora,
procurado, nominal.
Por arma branca ou de pólvora,
um morrer antes da hora,
por qualquer instrumental.

Há o morrer da própria mão,
o de matar-se.
Por secreta ou por expressa razão,
um morrer que afirma o não,
o de apagar-se,
pessoal.

Há o morrer que vem de longe,
destinado a muita gente,
um morrer impessoal.
Por arma antiga ou recente,
morrer de força bruta, desigual.



E este morrer abrupto do matar-se junto,
que multiplica o nome pelo número,
que ao imolar-se faz mais fundo o túmulo.
Este morrer selvagem,
a envergonhar o do animal caçado,
este morrer de uma geral matança,
que faz mais sujo tão insano assunto,
ao invadir a solidão da morte humana.





Estado de Sítio

Não é preciso vestir uniformes
Não é preciso limpar armamentos
Não é preciso entrar em forma

Já estamos todos compulsoriamente
convocados Estamos todos juntos
Cercados Despreparados

O inesperado
a desordem
pode chegar

Pela janela aberta
pelo envelope aberto
a boca aberta
pode entrar

O nome do lugar foi Lídice,
Cracóvia

Agora o nome do lugar
é Nova Iorque, é Ramalá

Agora o nome do lugar
é Tel Aviv, é Jenin

Pelo Estado-maior
Pelo estado de graça
eis o estado de sítio



Cabul, 2001

Fora do tempo e do mundo
essas mulheres sem rosto,
suas passadas sem corpo
sob seus panos mortaldas
nessas sandálias de pó.
Um mundo só entrevisto
pelas viseiras de rendas,
um mundo só masculino.

Fora do tempo e dos olhos
são mulheres invisíveis
sem cabelos, sem desejos.
São mulheres subterrâneas
entre o nascer e o morrer.

É outra a guerra que perdem
de trás de quatro paredes,
a dessas cegas mulheres
desses mais cegos guerreiros.
Guerra sombria e sem trégua
contra meninas crescendo
debaixo desse domínio
fora do mundo e do tempo.

As Duas Fotografias (*)

Dessa mulher afegã
não são os olhos imóveis,
onde um brilho antigo salta
dos abismos da memória.
Nem essa boca parada
na estrita mudez dos lábios,
a rude pele crestada.
Não, não no rosto de agora.
Nosso confuso remorso
vem do rosto da menina.

Da perturbada surpresa
de seus olhos infinitos,
da desusada beleza
de seus desenhados lábios
– sem sorriso a interpretar.
Da desolada pobreza
desses panos – os cabelos
quase ocultos. Da tristeza
que em seus traços se adivinha.
Do fulgor sem amanhã.

A dor do mundo? O silêncio
dos deuses? A espera vã?
Palavra alguma acompanha
o abandono, o desperdício
dessa menina afegã.

(*) Fotos de Sharbat Gula, feitas por Steve McCurry em 1985 e 2002 para o National Geographic Magazine. A reportagem da edição brasileira, National Geographic Brasil, é de abril de 2002.

Na Cordilheira

Na cordilheira há terremotos
soterramentos
terratenentes

Na cordilheira há plantações
fumigações
fuzilamentos

Na cordilheira há desenhos
rupestres
há sequestros

Na cordilheira
os cordeiros de deus
morrem mais cedo:
nos campos lavrados,
no centro da praça,
no meio da missa.

Recrutados ou paisanos,
rebeldes, inocentes
ou passantes
morrem mais cedo:



pelo fogo cruzado
crucificados,
pelo fogo bem pago
dos traficantes.

Longe do mercado,
longe do negócio,
longe do governo.

Longe de seus deuses.
Na cordilheira.





Uma Guerra sem Nome

Neste exato momento
e noutra fuso horário,
enquanto escrevo,
enquanto você lê,

alguém se agarra aos destroços
de uma balsa, alguém
se espreme num contêiner,
alguém se entrega

ou corta o arame de uma cerca
ou fura um muro de fronteira
e insiste.

Enquanto mercadores negociam
preços para a travessia,
diplomatas ponderam,
governos se debruçam
sobre as estatísticas.

— | | | | —
— | | | | —

Não há declaração formal de guerra,
não há inimigos.
Há uma falta e uma sobra,
há um calor e um calafrio.

Neste exato momento
a patrulha ouve ruídos
na praia inacessível
onde um barco fracassa.

No território proibido,
sem entrada nem saída,
o noturno olho verde do vigia
delata o desarmado invasor.

Para além dos limites
dos tratados, ininterrupta,
sem uniformes, civil,
prosegue calada e sem fim
uma guerra sem nome.
Neste exato momento.



em branco



ENDEREÇOS PARA CORRESPONDÊNCIA :

Izacyl Guimarães Ferreira

Rua dos Cariris 400
São Paulo, SP
CEP 05422-020
higefe@uol.com.br

PARA OUTROS LIVROS DO AUTOR, DISPONÍVEIS NA
LIVRARIA ASABEÇA, DA SCORTECCI EDITORA, ACESSE :

www.amigosdolivro.com.br/izacylguimaraesferreira/index.php
e clique a entrada Obras.

PARA LEITURA DE POEMAS DO AUTOR, ALÉM DO SITE ACIMA,
ACESSE TAMBÉM :

www.secretl.com.br/jpoesia
www.blocosonline.com.br
www.revistaetcetera.com.br
www.aartedapalavra.com.br
www.palavreiros.com.br



em branco





Texto composto com tipos *Egyptian505 BT* e *Univers*.
Impresso em papel Off-set 75g no miolo e Supremo 250g
na capa.
Caligrafia do título da obra: Eduardo Bacigalupo





selo da gráfica





em branco





em branco

